

## VOTO PARA AS MULHERES

*Por Clara Luisa Baleeiro*

Em meados do século XIX, em alguns países da Europa, surge um movimento com objetivo de garantir às mulheres o exercício político e democrático já garantido para os homens: o voto. No Reino Unido as mulheres que lutavam por isso eram chamadas e se denominavam *suffragettes* (sufragistas).

Há um século da Revolução Industrial, as mulheres que antes eram mantidas na vida privada passam a ocupar espaços públicos devido a sua introdução ao mundo do trabalho capitalista. Antes a carreira de uma mulher era ter um bom casamento para, após a morte do pai, continuar vivendo, comendo e morando. Inserida no mundo do trabalho, passa a contribuir com as despesas da casa e continua com suas funções enquanto esposa e mãe. No entanto, não recebe o mesmo tratamento que um homem na sociedade, nem nos espaços públicos e nem nos espaços privados. Seu lugar é sempre de submissa. Algumas mulheres foram muito a frente de seu tempo, mesmo antes da inserção das mulheres no cotidiano dos espaços públicos. Porém, de certa forma, essa inserção que catalisou algumas lutas pois as massificou.

O filme “As Sufragistas” (2015), dirigido pela inglesa Sarah Gavron, faz um retrato do movimento inglês da luta de votos para as mulheres em Londres. Iniciando em 1912 mostra um período de intensificação das lutas e da transformação de um movimento apenas pacífico para um movimento ativo e transgressor, no sentido de transgredir a injustiça imposta. É estrelado por Meryl Streep que interpreta Emmeline Pankhurst, líder do movimento pelo sufrágio feminino e fundadora da Women’s Social and Political Union; Helena Boham no papel de Edith Ellyn, farmacêutica, bem instruída, que tem seu local de trabalho como ponto de encontro para as reuniões do movimento, ajuda nas campanhas pelo direito à voto e nas estratégias para obter atenção a causa; Carey Mulligan interpreta Maud Watts personagem central.

Maud, logo nas primeiras cenas, é encarregada de uma entrega da lavanderia onde ela e o marido trabalham. Em seu caminho é surpreendida com um ato de sufragistas, dentre elas Violt Miller (Anna-Marie Duff) sua colega de trabalho, quebrando vitrines e gritando “votos para as mulheres!”. Assustada com a confusão, deixa o local o mais depressa possível.

Após uma chamada da Alice Haughton (Romola Garai) às mulheres que trabalham na lavanderia para darem seus depoimentos ao parlamento, para que o voto para as mulheres fosse avaliado, Watts resolve ir escutar o depoimento de Violet. Dê um momento à outro, se vê no lugar de sua colega e futura companheira de luta, dando seu depoimento.

Maud é uma mulher simples, sem instrução e consciência política que adentra o movimento das sufragistas sem entender muito a dimensão do que estava se envolvendo. Em seu depoimento conta que nasceu na mesma lavanderia que trabalha hoje. Sua mãe também trabalhava lá, e morreu em um acidente de trabalho. Aos 24 anos tem uma posição de responsabilidade onde trabalha e conta com más condições, trabalhando em um ambiente mal ventilado, com vapor de produtos e sem muita segurança, colocando até mesmo em risco sua vida e das mulheres que ali trabalham. Ainda assim, ganham menos que os homens que trabalham fazendo entregas, passando a maior parte do dia em lugares abertos. Marcada por uma vida de exploração e violência sexual em seu trabalho, quando questionada sobre motivo de estar ali, dando seu depoimento, responde “por pensar que pode ser diferente”. O direito a voto não foi garantido às mulheres nesse momento e então, a luta seguiu.

No decorrer do filme Maud sofre no seu casamento com um parceiro bastante machista, com pensamento e preocupações bastante característicos à época, priorizando mais o olhar de julgamento da sociedade, que via as sufragistas como marginais, não dando suporte necessário à sua mulher e se sentindo culpado, com raiva e envergonhado por não cumprir seu papel controlando sua esposa. Maud sofre duras perdas em sua vida privada e é possível, no decorrer do longa metragem, ver a transformação, o processo de tomada de consciência dessa personagem em relação ao seu lugar na sociedade e o lugar que passa a se sentir no direito de ocupar. A representatividade para poder ter uma vida melhor, para alcançar a tal da igualdade passa ser sua luta.

Passa a ser um membro ativo, mesmo na radicalização do movimento. O governo inglês também intensifica as repressões que se tornam mais violentas mesmo em momentos de manifestação pacífica, responde ao movimento com muita violência, policiais espancando mulheres, prendendo apenas por se manifestarem, na tentativa de coibir esse empoderamento das mulheres. As sufragistas mais ativas eram tratadas como criminosas e eram presas mais de uma vez, ainda que em manifestações pacíficas.

A fala de Pankhurst marca essa passagem para a radicalização do movimento ao expor para mulheres que o movimento pacífico existe há décadas e não trouxe mudanças e assim profere: “A língua que entendem é a da guerra”.

Uma das cenas mais fortes e agressivas é quando Maud, após cinco dias de greve de fome na prisão, é forçada a se alimentar por sonda, para evitar que morresse de fome e se tornasse um mártir. Outra cena de forte impacto é um acontecimento real. Em uma corrida de cavalos com a presença do Rei, em busca da atenção da imprensa que não noticiava o que ocorria com as sufragistas, Emily Davison (Natalie Press) se joga na frente do cavalo do Rei durante a corrida e acaba por dar sua vida pela causa. Isso ocorre em 1913. Uma grande passeata é mobilizada para velar o corpo de Emily. Apenas em 1918 é aprovada uma lei que dá direito à voto para mulheres acima de 30 anos, a depender de seu patrimônio e em 1925 é garantido o sufrágio para todas mulheres britânicas. O primeiro país em que as mulheres

conquistaram esse direito foi na Nova Zelândia, em 1893. No Brasil, a garantia do voto feminino ocorreu dia 24 de fevereiro de 1932.

Filmes como esses nos trazem a reflexão do porque precisamos nos unir e lutar. Os direitos não nos são dados, mas conquistados com muita luta e, por muitas vezes, com muito sangue. O sufrágio foi uma grande conquista das mulheres, mas a luta ainda não terminou. Existem muitas questões a serem tratadas e transcendidas para que as mulheres possam gozar plenamente do direito pleno do seu corpo, do direito de ir e vir sem medo, do reconhecimento profissional e equiparação salarial dentre muitas outras questões.

Hoje, ainda que há uma abertura e mesmo uma adesão muito maior a causas das mulheres, podemos traçar um paralelo de como as sufragistas eram vistas e tratadas e como as feministas são encaradas por parte da sociedade. “Feminazes” é um termo cunhado na tentativa de tirar a importância da luta por direitos das mulheres. São mulheres ditas “indesejáveis”, “sujas” ou mesmo “mal amadas”. Todas essas características atribuídas numa tentativa de subalternizar a posição e deslegitimar a causa. O mesmo comportamento é retratado no filme que conta uma história de 100 anos atrás, a marginalização de quem luta por seus direitos.

É importante destacar que o sufrágio completou cem anos em 2018 para as britânicas. Na Arábia Saudita a primeira vez que as mulheres puderam participar com seu voto nas eleições foi em 2015, quase cem anos após as britânicas. Sendo recente, ou mesmo quando for distante, é preciso sempre lembrar e reviver essa e outras conquistas, porque direitos conquistados não significam que são eternos. E, principalmente, continuar a lutar, pois mesmo com importantes vitórias, ainda há muitas batalhas.

## Referências Bibliográficas

Suffragette. Direção de Sarah Gravon. Reino Unido: **Fiml 4 e BFI**, 2015 (106 minutos)

MULHERES votam pela primeira vez na Arábia Saudita. **G1 MUNDO**: 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/mulheres-votam-pela-primeira-vez-em-eleicoes-na-arabia-saudita.html>>. Acesso dia 3 de março de 2019.

WELLINGTON. Nova Zelândia comemora 125 anos do direito ao voto feminino. **Estadão**. São Paulo: 2018. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,nova-zelandia-celebra-125-anos-do-direito-ao-voto-feminino,70002511302>>. Acesso dia 3 de março de 2019.